

Recensões

Hans Walter Wolff, **Anthropologie des Alten Testaments**, Christian Kaiser Verlag, München, 1973, 364 págs.

Que é o homem? Formulada outrora pelo Salmo 8, essa pergunta sempre de novo preocupou ao homem desde que ele despertou para uma consciência de si próprio. É incalculável o número das respostas dadas, e constitui um sinal extremamente alarmante se nos tempos atuais o homem está ameaçado de ser esquecido diante da pressão dos problemas, diante dos planejamentos globais e das estatísticas. O conhecido professor de Antigo Testamento em Heidelberg, Hans Walter Wolff, mantém acesa, através de sua **Antropologia do Antigo Testamento**, a indagação pelo homem. O princípio metodológico dessa obra é permitir que, sem intromissão de problemáticas da moda atual, o próprio Antigo Testamento fale sobre esse tema, mais exatamente, a partir dos próprios textos em que “transparece visivelmente a pergunta pelo homem” (pág. 17).

Na primeira parte principal são explanados termos antropológicos fundamentais, como **néfesh**, **bāsār**, **rūah** e **lêb**, para os quais se evidencia uma admirável riqueza de significações. Em vista dessa pluralidade (4 a 8 significações) são passíveis de correção traduções constantes e estereotipadas como **néfesh** = alma, **lêb** = coração. **Néfesh** significa não tanto “alma” (e de forma alguma a alma imortal), mas antes o homem todo no seu almejar e querer vital. **Bāsār** designa o homem na sua debilidade, e **rūah**, o homem dotado de força para viver, enquanto a atividade intelectual está coordenada ao conceito central do “coração”, que constitui a sede do raciocinar sensato e do tencionar ajuizado.

Essa “gramática antropológica” baseia-se sobre duas premissas peculiares ao pensamento veterotestamentário: a “estereometria da expressão do pensamento”, a qual reza que partes e funções do corpo designam sempre a pessoa toda; e um raciocínio “sintético”, segundo o qual os órgãos do corpo sempre são vistos em conjunto com suas capacidades e atividades. Por conseguinte a visão total do homem não é obtida pela adição das partes do corpo e de suas funções, mas sempre já está subentendida nos termos para elas utilizados.

É muito recomendável que permitamos à peculiaridade dessa concepção antropológica impressionar-nos maciçamente. Sistemas posteriores de uma antropologia dicotômica ou tricotômica, que

ensinam a diferenciação ou até a contraposição de corpo—alma (e espírito), não possuem nenhum fundamento no Antigo Testamento. Pelo contrário, a natureza do homem reside em estar ele capacitado para falar e dialogar; ouvinte e respondente, isso é o homem (§ 9). Toda a exposição evidencia de contínuo que ele o é unicamente enquanto pessoa perante Deus.

A segunda parte principal trata do “tempo do homem”. Na compreensão veterotestamentária do tempo o transcurso das condições fundamentais da criação e da natureza está entrelaçado com a orientação histórica e escatológica para um alvo. Em decorrência disso o homem é apresentado por um lado em sua juventude e seu envelhecer, em seu vigiar e trabalhar ou também em seu dormir e repousar, e por outro lado também como o expectante e esperançoso, que ainda está a caminho de seu alvo. Do ponto de vista teológico salientam-se nessa “antropologia biográfica” os capítulos sobre “vida e morte” (§ 12) e sobre “a esperança do homem” (§ 17). No entanto também o afirmado sobre o problema da velhice, trabalho e descanso, enfermidade e cura, merece a atenção meticulosa de todos aqueles que se ocupam com o homem enquanto homem.

A terceira parte central, sobre “o mundo do homem”, apresenta o homem em sua dimensão social, em sua relação com o parceiro, o grupo e a sociedade. Nessa “antropologia sociológica” são abordadas questões como o relacionamento entre homem e mulher, o problema das gerações e a problemática social (§ 22 — senhores e escravos). O capítulo final resume o que se pode formular, a partir do Antigo Testamento, como sendo “a determinação do homem” (§ 25). O homem está destinado a: 1) viver no mundo (não a morrer), 2) amar seu semelhante (e superar o ódio), 3) subordinar a si a criação (mas não a dominar sobre o homem), 4) louvar a Deus (porque, segundo concepção do Antigo Testamento, ele já se encontra na morte no momento em que se afasta do relacionamento com Deus).

A **Antropologia** de Wolff não é dedicada exclusivamente ao interesse da pesquisa, mas constitui um “livro de leitura” bíblico sobre o homem, no melhor sentido da palavra (vide pág. 5). É um livro de leitura, porque, com límpida clareza e máxima expressividade na formulação, informa de modo compreensível mesmo ao apresentar assuntos complexos. É bíblico, porque parte do testemunho veterotestamentário sobre o homem e, com um sem-número de citações literais ou criticamente perifrasedas, desenvolve diante do leitor uma riqueza quase inopinada de asserções bíblicas. Sobre tudo mediante a meditação sobre os textos aportados da literatura sapiencial (Provérbios, Eclesiastes, Jó) abrir-se-á mesmo ao leitor familiarizado com o Antigo Testamento uma nova dimensão. É praticamente impossível ler esse livro sem algum proveito. O fato de o índice remissivo de passagens bíblicas não apresentar (SI 51, 12-14), ou apenas parcialmente (Ct 12, 7), textos diversas vezes abordados, deve-se a uma não muito feliz limitação aos citados impressos em seu todo.

Ao longo da exposição obtém-se gradativamente a noção de que, como vale para muitos outros setores, também a antropologia não é nenhum dogma expresso do Antigo Testamento. Ao contrário, os textos veterotestamentários pressupõem pontos de partida antropológicos diversos. Tal circunstância complexa e coloca diante de difíceis problemas a quem a apresenta. A magnitude da obra realizada nesse livro reside não por último em como ele consegue coordenar o material e os textos, muitas vezes díspares, sem incorrer num nivelamento histórico ou até na aplicação forçada de um sistema.

Embora ela própria não se misture explicitamente na controvérsia com outros resultados antropológicos, p. ex., do âmbito das ciências humanas, a Antropologia de Wolff constitui-se justamente no fundamento para esse diálogo (bem como para o diálogo dentro da teologia). Pois a prontidão ao diálogo é evidenciada como um sinal característico da humanidade do homem, ao que se acrescenta ampla informação sobre o homem na perspectiva do Antigo Testamento. Na condição de homem em diálogo ele vem a ser, em última análise, aquilo que seu conversar com Deus o torna. Desse modo a presente obra conduz ao diálogo entre os homens, no sentido mais lato, tal como resulta, mediante o atento auscultar dos textos, do próprio diálogo com Deus, e visa a tornar-se por seu turno um parceiro fidedigno de diálogo, sempre que se reconhece a relevância do testemunho bíblico para as perguntas do nosso tempo.

Algumas partes dessa Antropologia do Antigo Testamento foram apresentadas há dois anos por ocasião de uma visita de Wolff à nossa Faculdade de Teologia em São Leopoldo. Será bem-vindo se em breve esse trabalho de H. W. Wolff puder ser editado também em português, ainda mais que não foi escrito apenas para o teólogo especializado. O livro de L. Kroehler sobre O homem hebreu tem já mais de 20 anos e continua sendo uma valiosa leitura. A nova e muito mais ampla Antropologia de H. W. Wolff pode seguramente ser considerada como a futura obra padrão nesse campo do Antigo Testamento, cuja leitura, no entanto, não significa um dever penoso, mas um enriquecimento genuíno para toda pessoa desperta, porque a leva adiante na pergunta: Quem sou eu?

Klaus Homburg

Paul Tillich, A coragem de ser.

A editora Paz e Terra publicou (2ª ed., 1972) a tradução do livro de Paul Tillich *The courage to be*, uma série de conferências que o conhecido autor pronunciou em 1952, na Yale University, sob os auspícios da Fundação Terry.

O livro (brochura, 146 páginas — Cr\$ 20,00) não é de fácil leitura. Terminologia, referências históricas e filosóficas e o duto

bem pessoal próprio aos livros de Tillich poderão representar barreiras ao leitor despreparado. A tradução (de Eglé Malheiros) é bem boa. Algumas insuficiências são compreensíveis e perdoáveis, se levarmos em conta que não é tarefa fácil traduzir a obra de um teólogo-filósofo do quilate de Tillich, o qual, mesmo na fase de sua vida em que escrevia em inglês, não deixou de pensar basicamente em alemão. Termos como “insignificação” ou “personalístico” terão alguma chance de impor-se, com o tempo, na linguagem filosófica do português contemporâneo, embora atualmente não tenham aceitação geral. Mas o tradutor de obras filosóficas é obrigado a criar neologismos — e o português, nos últimos anos, tornou-se bastante mais maleável neste sentido, o que consideramos um fator altamente positivo, uma vez resguardadas as leis básicas da “última flor do Lácio. . .”

O livro de Tillich fascina pela exposição brilhante de um pensamento conciso e pelo domínio soberano dos complexos de idéias abordados. A nosso ver, já a colocação dos termos do título sugere uma abordagem específica. O autor, que sempre tivera uma inclinação para o pensamento ontológico (ser), se abre ao impacto do existencialismo (coragem) que, na época, tanto na filosofia propriamente dita como na teologia “hermenêutica” havia alcançado um certo apogeu. Talvez seja por este motivo que o livro proporciona um acesso ao âmago do pensamento de Tillich e venha a mexer, também, com as próprias convicções do leitor.

Numa espécie de “corte longitudinal”, que segue a evolução do pensamento filosófico ocidental, o autor examina o fenômeno da coragem do homem, que experimenta e sofre a ansiedade de um destino finito, sujeito a morte, caracterizado pela “insignificação” (senselessness, Sinnlosigkeit). Examina os aspectos religiosos e medicinais (inclusive patológicos) da ansiedade humana e faz uma crítica impiedosa de todas as tentativas não autênticas de superá-la: a simples participação de uma coragem coletivista (nazismo e comunismo), a coragem do fanatismo religioso, que chega a uma questionável segurança dentro de um sistema dogmático objetivo, pelo simples ato de eliminar e recalcar as mais profundas raízes da ansiedade: “Não há dúvida sobre o que a teologia cristã tem que fazer nesta situação. Deverá decidir pela verdade contra a segurança, mesmo se a segurança é consagrada e sustentada pelas igrejas.”

No último capítulo de seu livro, Paul Tillich, após excursos de caráter histórico e sistemático, chega a caracterizar com maior nitidez a própria posição frente à pergunta básica de como o homem de hoje, e especificamente o cristão, poderá chegar a uma coragem de ser autêntica. Partindo da descoberta básica de Lutero de que o “inaceitável é aceito”, chega à fórmula: “aceitar a aceitação”: “Aceitar a aceitação através do inaceitável é a base para a coragem da confiança.” A coragem de ser, assim, independe de qualquer condicionamento prévio, já que tem sua existência na dimensão da graça.

A seguir, Tillich examina os aspectos personalísticos desta aceitação. Já que rejeita a idéia de um Deus-pessoa, seja sujeito ou objeto, que se enquadre dentro do esquema do teísmo, acha-se metido visivelmente em apuros, no seu intuito de definir o sujeito da aceitação: "Uma parede, a qual me confesso, não pode desculpar-me" (pág. 129). "Fé é o estado de ser apoderado pela potência de ser que transcende tudo o que é" (pág. 154). Apesar de entender a coragem como consequência exclusiva de um encontro com Deus, Tillich chega a defini-la também como "auto-affirmação do ser a despeito do não-ser" (pág. 134).

O Deus-pessoa do teísmo, que faz do homem um simples objeto, não é capaz de dar ao ser humano desesperado a fé e a coragem que ele necessita "dentro do desespero", não fora dele. Tillich advoga um "Deus acima do Deus do teísmo": "Somente transcendendo o Deus do teísmo pode a ansiedade da dúvida e insignificação ser incorporada à coragem do ser." Em uma linguagem quase mística, ele define fé como "coragem do desespero" e "coragem dentro e acima de toda a coragem — sem segurança de palavras e conceitos, sem nome, sem igreja, sem culto, sem teologia" — embora se esteja movendo nas profundidades de todos eles (pág. 145). Esta fé persistirá, mesmo que o "juízo divino" venha a ser interpretado como complexo psicológico e "perdão" como remanescente da imagem paterna. Fé absoluta diz "sim", embora "não haja potência especial que domine a culpa".

A última frase do livro: "A coragem de ser está enraizada no Deus que aparece, quando Deus desaparece na ansiedade e na dúvida."

O livro de Tillich tem o mérito indiscutível de sacudir o leitor e de questionar qualquer falsa segurança em que este se procure embalar. Por outro lado revela a glória e a miséria do pensador que se põe a transcender o intranscendível, procurando chegar a um "Deus acima de... ", que em última análise só consegue definir através de um paradoxo vazio. Cabe a pergunta séria, se a existência do homem, mesmo a sua experiência de culpa, desespero e angústia, é capaz de produzir uma realidade que a transcende. E poderemos aceitar a aceitação sem aceitar o que aceita — como Senhor, como Sujeito absoluto — extra nos e super nos? Lutero também conhecia o paradoxo da fé: "Creio... que não posso crer." Mas ele continua: "O Espírito Santo me chamou pelo Evangelho." Neste ponto os espíritos se haverão de separar. Qualquer auto-affirmação do ser a despeito do não-ser desmorona perante a realidade do Deus que revelou a sua justiça em Jesus Cristo — e só nele. No livro de Tillich Jesus Cristo só aparece como símbolo de fé e de coragem — como variante da coragem de Sócrates. E isto é pouco.

Lindolfo Weingärtner